



A Representatividade do Candomblé da Bahia em Comunidades no *Orkut*¹

Gêiza Oliveira BARROS²

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Ba

RESUMO

A atual configuração social é fortemente marcada pelos impactos das novas tecnologias que se constituem em ferramentas utilizadas na costura da trama reformada constantemente que une os indivíduos em comunidades. Este artigo pretende avaliar de que forma as interações no ciberespaço contribuem para o fortalecimento ou degeneração da representação do Candomblé, por meio de análise de comunidades tomadas do site de relacionamentos da internet, *Orkut*.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço; sociedade; Candomblé; *Orkut*.

Introdução

Interpretar a sociedade em rede é primordialmente reconhecer que este conceito de organização social está posto atualmente como contemporâneo, no entanto, o que há de novo na configuração social não diz respeito a sua estruturação em rede, visto que assim ela sempre o foi, a novidade está, portanto, na dimensão desta rede, na flexibilidade dos nós que a constituem e nas inúmeras possibilidades de interação entre os diversos níveis que a integram além da forma com que o desenvolvimento e expansão da tecnologia da informação e da Comunicação Mediada por Computador (CMC), a globalização econômica e informacional alteram a dinâmica dos processos comunicativos.

As ferramentas que as novas tecnologias disponibilizam deslocam a percepção do tempo e do espaço para outra dimensão além do local geograficamente especificado e reorganizam as relações interpessoais a partir de características outras, possíveis graças às facilidades proporcionadas pela rapidez dos fluxos de informação que circulam na Internet, de maneira desterritorializada.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e tecnologias da comunicação, do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fruto de Pesquisa apoiada pela FAPESB – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia.

² Estudante de Graduação. 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, da UESC-Ba, e-mail: geiza_barros@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, da UESC-Ba, e-mail: rodrigo.surfer@uol.com.br



Trata-se de um “desencaixe”, como Giddens (1994) denomina o fenômeno do distanciamento dos indivíduos de suas referências espaciais e temporais, que mobiliza os indivíduos em novas formas de interação no espaço virtual que reforçam laços previamente firmados no espaço real ou que se constituem graças a este espaço virtual e que só depois se materializarão no espaço real. Da mesma forma, discursos velados no seio social, cerceados pelos tabus da sociedade tradicional, ou simplesmente proibidos pelas normas de conduta vigentes no espaço real, ganham outras vozes e vez no ciberespaço, onde a liberdade de expressão ultrapassa as barreiras tradicionalistas. Turkle (1997, p.247) atesta que “a abertura congênita das redes e o que nelas sempre restará de caótico permitem que uma porção de vozes sejam ouvidas pelo mundo por um custo mínimo”.

Erroneamente, pode-se pensar que se trata de um espaço sem leis, sem regras, contudo, o ciberespaço já está sendo arregimentado por uma política específica, um novo ramo jurídico surge para dar conta de monitorar e moderar as ações dos indivíduos na rede, o Direito da Internet. E ainda que as leis para o ciberespaço sejam incipientes, as normas éticas sociais do espaço real permanecem presentes no espaço virtual. Ocorre que o ciberespaço é naturalmente democrático, mas não anarquista. Os indivíduos entregam-se mais ao narcisismo, se desprendem de alguns pudores, mas permanecem com os mesmos valores constituintes da ética social, a qual, conforme Sanchez VASQUEZ (1995, p.12), “é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano” inerente aos indivíduos que a carregam enraizada. Não fosse assim, o ciberespaço seria o caos.

Estas questões pertinentes às transformações nas relações sociais decorrentes das novas possibilidades de interação no ciberespaço e seus imbricamentos serão abordadas no presente artigo, com a pretensão de investigar de que forma ocorrem as associações entre esses dois espaços, que à primeira vista parecem ser tão opostos: o real e o virtual. Tomando por campo de estudo comunidades relacionadas ao Candomblé, religião representante da cultura tradicional na Bahia.

As Comunidades Virtuais

Nesta primeira instância, propomos uma revisão do conceito primário de comunidade, tendo sido esta a denominação escolhida para, na língua portuguesa,



identificar os agrupamentos que subdividem a rede no site de relacionamentos da Internet - *Orkut*.

A definição de comunidade pode estar atrelada a fatores de ordem tanto geográfica, considerando as associações comunitárias de bairro, de condomínio integram comunidades por delimitarem um agrupamento de pessoas organizadas dentro de um mesmo espaço físico, ou de ordem ideológica, considerando as comunidades que se encerram em torno de ideais comungados por um grupo, indivíduos reunidos que buscam atender os interesses comuns, pertinentes ao conjunto a exemplo de partidos políticos.

Fatores outros, de ordem econômica, por exemplo, também podem ser variáveis relevantes na formatação das comunidades. Ferreira atenta para o fato de que

A comunidade é um grupo localizado. No entanto, os limites de sua área são tão amplos quanto à interdependência existente entre os que a compõem, sob o ponto de vista econômico e social, e não se confundem necessariamente com os limites administrativos ou políticos. (FERREIRA 1968, p.4)

Palácios (1995) enumera seis pontos básicos para que um agrupamento seja reconhecido como comunidade: o sentimento de pertencimento; a definição de uma territorialidade; a permanência no grupo; ligação entre sentimento de comunidade, cooperação e interesses comuns; comunicação acessível aos indivíduos que a integram e a tendência à institucionalização. Quanto às comunidades virtuais, o sentimento de pertencimento citado por Palácios aparece como um pertencimento simbólico descolado do tradicional sentimento de pertencimento a um território geográfico, pois não há territorialidade na Internet, de tal forma que no ciberespaço este sentimento evidencia-se pelo desejo dos indivíduos que se agregam a determinado grupo, de comungarem idéias e crenças.

Uma Comunidade Virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY, 1999, p. 127)

Os indivíduos que se associam às comunidades virtuais têm a autonomia de decidir por este ou aquele grupo segundo seus interesses, independentemente, de onde estão localizados.

O fluxo desenfreado de mensagens que circula nessas comunidades é o que fomenta as atividades e discussões dos membros pertencentes, possibilitando assim que haja sociabilidade prescindindo do contato físico. Os agregados organizam fóruns de



discussão que reafirmam suas opiniões, levantam questionamentos e polêmicas no universo delimitado pelos interesses comuns em questão.

O Orkut

Desde a criação da incipiente ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Net*), na Guerra Fria, pelos norte-americanos para promover a defesa contra um possível ataque nuclear e que culminou na imensa rede que interliga computadores de todo o mundo - a Internet - novas formas de convivência têm sido exploradas por meio de *softwares* e ferramentas que alargam o poder de interatividade entre os indivíduos.

O Orkut é um desses sites de relacionamento, hoje filiado a Google, que foi criado em 19 de Janeiro de 2004, estruturado como grande banco de dados que se dispõe a relacionar seus membros em rede. Recebeu este nome por ter sido o engenheiro turco Orkut Büyükkökten, na época, funcionário da equipe do Google, o criador e desenvolvedor do site, tendo sido então o primeiro membro.

Atualmente, o *Orkut* integra membros residentes em todas as partes do mundo e está em constante atualização. Seu design já sofreu várias reformulações desde sua criação, ganhando novas ferramentas, muitas vezes sugeridas pelos próprios usuários, e agregando servidores para dar conta do incrível número de acessos que o site recebe diariamente. Contudo sua estrutura primária permanece a mesma, subdividindo-se em três principais seções: Perfil, rede de amigos e comunidades.

O perfil de cada membro traz informações a respeito de suas preferências musicais, cinema, culinária, além de uma breve descrição na qual o indivíduo tem a liberdade para escrever o que quiser a seu próprio respeito. A rede de amigos interliga todos os membros de forma que a página de um funciona como um *hiperlink* para a de outro membro. As comunidades integram os usuários de acordo com seus gostos pessoais e podem ser moderadas ou não pelos eleitos moderadores e/ou pelos proprietários que as “chefiam”. De maneira que, nas comunidades moderadas, a entrada e participação nas listas de discussão por novos membros só pode ser liberadas com o consentimento dos moderadores/proprietários.



Entre outras ferramentas que enquadram os amigos da rede de cada membro em subgrupos (de amigos, melhores amigos, conhecidos etc.) e os conferem status, o *Orkut* também disponibiliza um álbum que pode ou não ser preenchido com fotos pessoais ou imagens selecionadas ao gosto do usuário. E, desde julho de 2007 podemos encontrar uma seção especialmente destinada para ser postada uma seleção dos vídeos preferidos de cada usuário, os quais podem ser assistidos ali mesmo dentro do site do *Orkut*.

De acordo com uma pesquisa realizada em 2008 pela IBOPE / Net Ratings, o Brasil é o país com o maior número de membros ativos no site, superando inclusive os EUA. Cerca de 50% dos usuários do sistema, aproximadamente 27 milhões de pessoas, declaram-se brasileiros.

Também são incontáveis as comunidades criadas por/para brasileiros e abordam os mais diversos temas, desde assuntos polêmicos e de interesse coletivo, até questões relacionadas a situações pitorescas e de caráter pessoal que agregam usuários residentes em diversas localidades do mundo.

O Candomblé da Bahia

A princípio, considerado como uma dança para só posteriormente ser reconhecido como uma religião de origem totêmica e familiar, herdada dos negros trazidos da África, escravizados aqui nas terras brasileiras, o Candomblé é uma religião anímica, embasada pelo culto à *anima* (alma) ou natureza, que foi proibida por muitos anos e duramente perseguida pela Igreja Católica e até mesmo por alguns governos.

Hoje, seus membros ainda enfrentam preconceito e perseguição por parte de seguidores de outras religiões mais ortodoxas, contudo, a legislação brasileira defende a liberdade de culto e procura oferecer proteção aos mais de 500 mil brasileiros que declaram o Candomblé como sua religião. Protegendo inclusive os terreiros ou casas onde se reúnem os membros para a realização das cerimônias religiosas, sendo muitos destes tombados como patrimônio histórico, artístico e cultural. Além disso, os rituais, festas, culinária entre outros traços da cultura e tradição candomblecista já integram parte do folclore brasileiro contribuindo notadamente para o patrimônio cultural do país.

Costumeiramente confundido com outras religiões similares tais como a Umbanda, a Macumba e o Omoloko, o Candomblé na realidade é uma religião



monoteísta que se subdivide em diversas nações, as quais se distinguem entre si principalmente pela música, língua sagrada usada nos rituais, bem como a divindade suprema cultuada, aquela que corresponde ao Deus da Igreja Católica.

Na Bahia, a nação de maior representatividade é a Ketu ou Queto, de “linhagem” Iorubá (o idioma de origem africana que é utilizado nos rituais) ou Nagô (em português) e somente na cidade de Salvador, a Federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros registra mais de 2.200 terreiros pertencentes tanto à nação Ioruba, quanto às nações Bantu, Jeje e suas sub-nações.

O sincretismo é marcante nos terreiros de Candomblé. Esta é a herança do preconceito e perseguição da Igreja Católica aos negros que, forçados à conversão pelos missionários, encontraram na correspondência de suas deidades com santos da Igreja uma alternativa para que continuassem cultuando seus orixás. De forma que o Candomblé tem ainda nos dias de hoje elementos incorporados da fé cristã o que, aliás, tem impulsionado um crescente movimento “fundamentalista” de resgate às tradições legitimamente africanas em oposição à mistura de credos.

O termo comunidade também é utilizado para distinguir as nações do Candomblé, assim, os membros referem-se sempre ao seu terreiro (ou barracão, ou casa de santo) utilizando a palavra comunidade.

Em detrimento das várias divergências entre as nações candomblecistas e do decorrente sincretismo que macula a pureza da religião, as diversas comunidades que professam o Candomblé têm encontrado na sociedade em rede um espaço para depositarem suas opiniões e realizarem discussões, também esclarecendo mitos e dúvidas a respeito do complexo conjunto de crenças e ritos que norteiam a religião. As crenças e anseios religiosos impelem a dinâmica social no sentido de agregar os indivíduos, dispensando a existência de um espaço físico para que estes se encontrem ideologicamente. Provando que, conforme Bastide (2001, p. 25), “não é a morfologia social que domina e explica a religião, como queria Durkheim, mas, o contrário, é o aspecto místico que domina o social.”

O Candomblé na Rede

Ao colocarmos a palavra “Candomblé” na ferramenta de busca por comunidades relacionadas no *Orkut* serão listadas centenas de comunidades. Mais de mil. Essas



comunidades estão atreladas à religião pelos mais diversos aspectos, e com propostas que vão desde a discussão de polêmicas relativas aos ritos, até a criação e educação religiosa de crianças filhas de seguidores do Candomblé.

Algumas comunidades que aparecem nesta gigantesca lista referem-se à religião de forma pejorativa, mas, a grande maioria se constitui em espaços de troca de experiências vivenciadas dentro da religião. Tratam-se de comunidades virtuais integradas por membros das comunidades (reais), dos terreiros de Candomblé que se espalham por todo país.

No *Orkut*, existe um campo no perfil de cada usuário a ser preenchido com a sua opção religiosa, no entanto, curiosamente, entre as diversas opções na lista sugerida pelo próprio site, não existe uma religião afro-brasileira sequer. O que é curioso é o fato de metade dos usuários do site ser de nacionalidade brasileira, país que tem em sua população pelo menos 571.329 adeptos das religiões Umbanda e Candomblé, conforme dados da última pesquisa do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - (censo 2000). Estes usuários se vêem obrigados a omitirem sua opção religiosa ou assinalarem a alternativa “Outra” que integra a lista sugerida.

Esta é uma constante reivindicação nas comunidades integradas pelos candomblecistas; o acréscimo de sua opção religiosa na lista sugerida pelo site. E o fazem de forma tão intensa, que existem comunidades especialmente destinadas a esta questão, a exemplo da comunidade “Candomblé, na opção do Orkut!” que traz no campo destinado à descrição/finalidade e proposta da comunidade o seguinte texto:

Quantas pessoas já procuraram por CANDOMBLÉ na opção Religião do Orkut? Acredito que muitas...
Já observei a quantidade de pessoas adeptas a nossa religião que são usuários do Orkut (acho que vou fazer um levantamento) e que por falta da opção CANDOMBLÉ, dizem que são de "outra" religião, ou então que têm "um lado espiritual independente de religião".
Então entra em questão: Candomblé é religião, folclore, seita? NÃO
Candomblé é religião sim e deve ser respeitada! E todos que fazemos parte, temos que nos assumirmos, não tem porque nos esconder!!!
Então aqui vai o meu manifesto.
Vamos mudar isso aqui no Orkut, participem, discutam, opinem, debatam!!!
([sic] conteúdo disponível em
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=39856174>. Acesso em 05 mai 2008)

Existe uma grande preocupação por parte dos candomblecistas em se fazerem conhecer, e em terem sua religião devidamente reconhecida. Como integrantes de uma cultura que simboliza a união entre África e Brasil, representantes de uma tradição que é



transmitida oralmente, de geração a geração, os “filhos e filhas de santo” lutam por visibilidade. Uma das comunidades – “Candomblé no IBGE” -, inclusive, reivindica a realização de um novo censo pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para apurar o verdadeiro número de indivíduos que se declarem membros do Candomblé no Brasil e conclama aos adeptos da religião para se mostrarem às estatísticas e não omitirem sua religião ou se utilizar de outros termos para designá-la como costumeiramente fazem referindo-se ao Candomblé como espiritista, a fim de que os resultados sejam fidedignos à realidade brasileira

Também muitas comunidades destinam-se a esclarecer a diferença entre Candomblé, Umbanda, Espiritismo e Macumba entre outras religiões de origem africana que frequentemente são confundidas, causando, do ponto de vista de muitos candomblecistas, prejuízos a todas as religiões afro-brasileiras que acabam por perder sua identidade. Estes fazem parte da corrente dos que lutam pela purificação da religião e negam o sincretismo recorrente.

Conforme constatamos, as comunidades são em sua esmagadora maioria favoráveis ao Candomblé e constituem-se em espaços integrados pelos membros das várias comunidades candomblecistas que existem no espaço real, como se o espaço virtual fosse uma continuação da socialização destes religiosos.

Ao contrário do que se pode imaginar, as manifestações preconceituosas e depreciativas em relação à religião são quase inexistentes.

Muitos seguidores do Candomblé estão engajados em programas de inclusão social, já se encontram familiarizados com as ferramentas de socialização na Internet e muito contribuem para a manutenção da integridade de sua religião, realizando denúncias de membros e/ou comunidades que degradam a imagem do Candomblé.

Mesmo as comunidades que se manifestaram com discursos preconceituosos, ferindo a liberdade religiosa dos candomblecistas foram fechadas após a reivindicação dos religiosos que se sentiram ofendidos com as tais manifestações. As poucas que restaram contam com reduzido número de membros ou o discurso utilizado não é diretamente direcionado às crenças e conduta moral e religiosa dos pais, mães, filhos e filhas de santo.

Representando a pequena parcela de comunidades depreciativas, “CANDOMBLÉ (Tô fora)” propõe-se a integração daqueles que já fizeram parte, de alguma forma, do candomblé e que hoje se posicionam radicalmente contra, mas conta apenas com a participação de três membros e aparentemente não movimenta fórum de



discussão. O texto descritivo da comunidade refere-se ao contato com as tradições candomblecistas como “forças do mal”.

Esta comunidade é para todos aqueles que um dia participaram de alguma atividade oculta e até hoje sofre as conseqüências de ter se envolvido com as forças do mal e para aqueles que se libertaram desta força maligna. ([sic] conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=36147653>. Acesso em 06 mai 2008)

“Eu odeio macumba !” é a maior comunidade em número de membros a fazer oposição à tradição do Candomblé. De maneira que o discurso utilizado por ela alega que os despachos compostos por alimentos, pedras, animais que são sacrificados, entre outros elementos ofertados as divindades (Orixás) do Candomblé – as chamadas oferendas - sujam as praias e demais locais públicos onde são realizadas as cerimônias.

Para você que AMA praia, AMA passar o ano novo na praia, mas nao aguenta akela macumbada braba, um monte de velas e plantas na areia, e tem q ficar desviando dakilo tudo pra caminhar, e o pior eh ter que aguentar no outro dia, akele mar podre em q vc nao consegue nem entrar por causa da sujeira... ([sic] conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1064275>. Acesso em 06 mai 2008)

Esta comunidade reúne 978 membros, no entanto, a movimentação no fórum de discussão também é quase nula.

Em linhas gerais, as comunidades virtuais tem sido mais utilizadas para o bem do Candomblé. Membros utilizam o ciberespaço para divulgarem celebrações festivas, localização e atividades dos terreiros, manifestações de repúdio aos atentados contra suas organizações religiosas além de legitimarem discursos apologéticos aos benefícios da religião na constituição e coesão social.

Considerações Finais

Embora alguns autores apoteóticos venham pregando e divulgando a teoria de que com o descontrole da informação que circula na rede em vias de mãos duplas, triplas, multiplicáveis vezes e por sentidos nunca antes percorridos, o ciberespaço pudesse culminar em um verdadeiro colapso da comunicação mundial no qual a democracia generalizada, anarquizada, desintegraria as formas sociais apaziguadas. A realidade virtual, se pudermos assim usar este termo aparentemente tão antitético, aponta para um horizonte muito mais feliz e promissor.



A sociabilidade na rede tem se mantido sob controle por meio da ética que supostamente se imprime nos contratos sociais que se firmam virtualmente. Apesar das aberrações que se destacam da realidade virtual, de pessoas que se aproveitam do anonimato na rede para agirem criminosamente ou manifestarem posicionamentos e comportamentos que nunca manifestariam em outro lugar senão no ciberespaço, o ambiente virtual não parece caminhar rumo ao caos. Ao contrário, antes, tem dado voz a milhares de discursos até então relegado às sombras, mas que merecem ser considerados.

No caso do Candomblé da Bahia, os pais e filhos de santo têm procurado manter-se atualizado com relação às ferramentas que possibilitam seu ingresso no ciberespaço e têm encontrado nas CMC, em listas de discussão, em comunidades do *Okurt* entre outros sites do gênero, uma forma de divulgarem sua religião para o mundo e uma arma de defesa contra os constantes ataques preconceituosos que ocorrem em seus terreiros.

A cibercultura contemporânea é a prova de que na simbiose das idéias, mesmo com os indivíduos agregados independentemente de espaços físicos delimitados, a socialidade aparece com força e ganha contornos definidos.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger - *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

FERREIRA, F. P., *Teoria Social da Comunidade*, ed. Herder, São Paulo, 1968.

GIBSON, Willian. *Neuromancer*. São Paulo. Ed Aleph, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LÉVY, P. *Cibercultura*, ed. 34, São Paulo, 1999.

MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (orgs.). *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004.



PALACIOS, M. "*O Medo do Vazio: Comunicação, Sociabilidade e Novas Tribos*"; in Rubim, A. A., Idade Mídia, ed. Edufba, Salvador, 1995.

PRADO, J.L.A. *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RHEINGOLD, H., *A Comunidade Virtual*. Editora Gradiva, Lisboa, 1996.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=329228> 43. Acesso em 28 abr 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=14494> 47. Acesso em 28 abr 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3538> 2372. Acesso em 02 mai 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=398561> 74. Acesso em 05 mai 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1064275>. Acesso em 06 mai 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=36147653>. Acesso em 06 mai 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 07 mai 2008.

Conteúdo disponível em <http://www.ibope.com.br>. Acesso em 07 mai 2008.